

**Mulheres Kaingang na frente de batalha: três gerações de lideranças femininas na Terra Indígena Toldo Chibanguê**

**Kaingang women on the battle front: three generations of female leaders in the Toldo Chibanguê Indigenous Land**

Andreza Bazzi<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo aborda as experiências políticas de mulheres Kaingang da Terra Indígena Toldo Chibanguê no município de Chapecó- SC. Assim, o objetivo principal é evidenciar o protagonismo feminino na referida terra indígena, por meio da trajetória de vida e de luta de três mulheres Kaingang que, em momentos distintos, assumiram/assumem posição de liderança na comunidade Kaingang. A Terra Indígena Toldo Chibanguê se apresentou como um terreno fértil para a análise de processos de autonomia indígena, de disputas, de trocas e de negociações entre indígenas Kaingang e os agricultores euro descendentes que promoveram a colonização do local. Metodologicamente, a pesquisa parte de revisão bibliográfica crítica da historiografia local, e recorre à História Oral (entrevistas) como principal fonte histórica, na tentativa de materializar as percepções das mulheres Kaingang quanto às suas experiências históricas.

**Palavras Chave:** Mulheres Kaingang. Liderança feminina. Terra Indígena Toldo Chibanguê.

**Abstract:** This study addresses the political experiences of Kaingang women from the Toldo Chibanguê Indigenous Land in the municipality of Chapecó-SC. The main objective is to highlight the female protagonism in this indigenous land, through the life and struggle trajectory of three Kaingang women, who in different moments assumed / assume leadership position in the Kaingang community. Toldo Chibanguê Indigenous Land has presented itself as a breeding ground for the analysis of indigenous autonomy processes, disputes, exchanges and negotiations between Kaingang Indians and the descendant Euro farmers who promoted the colonization of the site. Methodologically, the research starts from a critical bibliographical review of local historiography and uses Oral History (interviews) as the main historical source, in an attempt to materialize Kaingang women's perceptions of their historical experiences.

**Keywords:** Kaingang Women. Female leadership. Toldo Chibanguê Indigenous Land.

## **Introdução**

*Que faço com a minha cara de índia? e meu sangue, e minha consciência, e minha luta, e nossos filhos? Brasil, o que faço com a minha cara de índia? Não sou violência ou estupro, eu sou história, eu sou cunhã, barriga brasileira, ventre sagrado, povo brasileiro.*

*Eliane Potiguara,  
Trecho do poema Brasil.*

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS campus Chapecó, 2019.

A proposta deste trabalho é pensar a experiência histórica das mulheres Kaingang da Terra Indígena Toldo Chibanguê<sup>2</sup> no município de Chapecó - SC, de modo a entendê-las como sujeitos protagonistas de uma história compartilhada<sup>3</sup>, evidenciando, dentro das suas possibilidades, as experiências de luta e de resistência contra a imposição colonial.

No entanto, refletir sobre experiências políticas de mulheres indígenas, ou sobre relações de gênero em sociedades indígenas, é um exercício que exige o pensamento interseccional, devido à complexidade de analisar esses temas em sociedades que historicamente estão assombradas pelo fantasma da colonialidade<sup>4</sup>.

Desse modo, é pertinente mencionar que o gênero é entendido neste estudo, conforme Scott (1989), como importante categoria para a análise histórica das relações de poder, que se constituem principalmente a partir das diferenças percebidas entre os sexos.

Contudo, essas relações de poder não estão associadas somente ao domínio histórico do homem sobre a mulher. Para o caso das mulheres indígenas, existe uma sobreposição de hierarquias, pois ser mulher indígena é diferente de ser homem indígena, que é diferente de ser mulher ou homem “branco” diante das relações de poder estabelecidas a partir da modernidade

---

<sup>2</sup> A Terra Indígena Toldo Chibanguê se localiza no interior do município de Chapecó – SC, distante aproximadamente 18 km do centro urbano do município. Conforme D’Angelis (1984), a ocupação do local pelo grupo Kaingang liderado pelo Cacique Chibanguê data de 1856. Em síntese, o esbulho do território Kaingang às margens do rio Irani começa a partir da titulação da Fazenda Barra Grande em 1893, concretizando-se com a venda do imóvel em 1919 à Empresa Colonizadora Luce Rosa & Cia, que passa a revender as terras a agricultores euro descendentes. Em 1948, a Empresa Colonizadora vendeu o restante das terras sobre seus domínios aos irmãos Severino e Giocondo Trentin. Logo que adquiriram as terras, os irmãos Trentin trataram de remover os Kaingang, de modo que os índios foram gradativamente empurrados ao Sul da linha divisória da propriedade; esse avanço dos irmão Trentin se tratou de um movimento violento, havendo, inclusive, segundo D’Angelis (1984, p. 71), “a destruição de roças e a queima de vários ranchos indígenas, a exemplo do Rancho de Fen’Nó e João Maria Justino da Veiga”. Diante da perda de seu território, os Kaingang, ao final da década de 1970, passaram a articular o movimento de retomada territorial, fato que desencadeou um dos maiores conflitos fundiários da região Oeste de Santa Catarina. Em 1986, os Kaingang tiveram demarcados 988 hectares –Toldo Chibanguê I, cerca da metade do território que era reivindicado. Em 2002, conseguiram que a União demarcasse o restante, 954 hectares – Toldo Chibanguê II.

<sup>3</sup> Peter Van der Veer (2001) traz a noção de “História Compartilhada” ao analisar a interação entre Índia e Inglaterra no século XIX. O autor argumenta que, de algum modo, no século XIX, indianos e britânicos desenvolveram um imaginário compartilhado sobre modernidade, pois tanto colonizador quanto colonizados foram conectados através de um processo compartilhado de colonização. Acreditamos que o processo de colonização ocorrido no Oeste de Santa Catarina, no início do século XX, pode ser entendido na mesma perspectiva, quando colonizadores, indígenas e caboclos foram transformados e conectados por um processo histórico compartilhado, com relações de poder desiguais. No caso da região Oeste de Santa Catarina, não se trata de compartilhar um imaginário único sobre o processo histórico de colonização, ainda que alguns dos grupos envolvidos possam compartilhar os mesmos olhares referentes ao período, mas sim de perceber as aproximações e conflitos que ocorreram, como parte de uma interação entre os diversos grupos étnicos participantes do processo.

<sup>4</sup> A colonialidade, enquanto conceito, foi elaborada por Quijano (1997), e, em síntese, é um fenômeno que ultrapassa a experiência histórica do colonialismo, tendo início com a expansão colonial europeia no século XVI. Apresenta, entretanto, continuidade após a independência das nações colonizadas. Entender a colonialidade significa compreender as permanências de mecanismos coloniais de dominação reproduzidos a partir do colonialismo, mas que se projetam e permanecem após o fim desse processo.

colonial<sup>5</sup> em que se observam relações de hierarquias dentro do mesmo grupo, no caso as mulheres. Portanto, ser mulher indígena é diferente de ser mulher não indígena/branca/ocidental. Ou seja, conforme Crenshaw (2012), nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas, mas sim com grupos sobrepostos. Nessa sobreposição, é necessário considerar o lugar de marginalidade histórica em que se encontram as mulheres indígenas para entender que as relações de poder a partir do gênero não podem estar desassociadas de um recorte de classe e de etnia<sup>6</sup>.

Ainda, para além destas justaposições hierárquicas ocidentais advindas das relações coloniais, é vital considerar as próprias cosmologias, hierarquias, relações de poder e temporalidades que constituem a organização social de um grupo étnico (neste caso, os Kaingang). Esses aspectos são extremamente relevantes e, historicamente, influenciam as atuações dos Kaingang.

De modo geral, na literatura que se produz sobre os Kaingang, em especial sobre os da região Oeste de Santa Catarina, pouco se privilegia questões relacionadas à participação política das mulheres. É comum que a categoria “mulher Kaingang” seja mais abordada em análise sobre matrimônio, sobre núcleo doméstico, e sobre relações de parentesco (mãe, esposa, irmã) entre os Kaingang, de modo que, nessas análises, a prerrogativa masculina prevalece.

No Toldo Chimbangué, a partir do movimento político e social dos Kaingang pela retomada de terras, verificamos três gerações<sup>7</sup> distintas de mulheres Kaingang que

---

<sup>5</sup> Sobre esta questão Lugones (2014, p. 939), “gênero, não viaja para fora da modernidade colonial”, ou seja, inexistente o patriarcado como conhecemos hoje nas sociedades indígenas anterior ao colonialismo europeu. No entanto, existem autoras que argumentam de modo contrário, no sentido da existência de um patriarcado ancestral. Um exemplo é Julieta Paredes (2008), que defende que o que ocorreu a partir do colonialismo foi um encontro, fato que identifica como “entronque patriarcal”, uma união entre os patriarcados. Ainda há aquelas que afirmam a existência de um “patriarcado de baixa intensidade”, como é o caso de Rita Segato (2011). Apesar do afastamento teórico quanto à existência ou não de um patriarcado de origem anterior à colonização europeia, é pertinente demonstrar que as três autoras latino americanas defendem o gênero enquanto elemento fundamental que compõe as estruturas e as relações de poder colonial e concordam que as relações de poder e subordinação são, todavia, agravadas com o advento da colonialidade.

<sup>6</sup> Historicamente, os Kaingang ocupavam a região que compreende os atuais estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. De acordo com Nacke (2007, p. 35), “os Kaingang como outros grupos da família linguística Macro-Jê, organizam sua sociedade em metades exogâmicas, denominadas *Kamé* e *Kairu*”. A organização social dualista preserva relações assimétricas e complementares. Estes elementos próprios da cultura Kaingang operam de modo significativo em diversos aspectos da vida do sujeito Kaingang. Assim, temos que considerar que experimentam valores, normas, modos de organização e leituras de mundo e tempo específicos. Essas especificidades são aspectos caros para a análise da atuação política de mulheres Kaingang.

<sup>7</sup> Adota-se, para este estudo, a ideia de Motta e Weller (2010, p. 177) de que “o conceito de gerações rompe com a ideia de unidades geracionais concretas e coesas e nos instiga a centrar nossas análises nas intenções primárias documentadas nos conteúdos, ações e expressões de determinados grupos, ao invés de buscarmos caracterizar suas especificidades enquanto grupo. Perguntar-se pelos motivos das ações desses atores coletivos envolvidos em processos de constituição de gerações implica uma análise da conjuntura histórica, política e social em que se encontram inseridos. Nesse sentido, a abordagem das relações sociais a partir das posições geracionais significa uma análise inescapável de trajetórias sociais no tempo; no tempo existencial dos indivíduos e no tempo social, coletivo e histórico, portanto, tanto de tendências à mudança como a permanências”. Nesse sentido, Baniwa (2017, p. 8)

ocuparam/ocupam espaços de liderança, acionando a linguagem do direito na luta pela garantia de que possam ser e viver como indígenas Kaingang, tendo a especificidade da diferença assegurada, em especial, no que se refere ao direito à terra. Ana da Luz Fortes do Nascimento Fen'Nó<sup>8</sup> (nome Kaingang), Paulina Antunes Candói e Vanisse Domingos são nossas protagonistas, e suas trajetórias serão postas em evidência, destacando suas experiências como lideranças em processos políticos e sociais de luta, entendendo que, apesar de a chefia ou a liderança Kaingang ser a principal figura de representação política da comunidade, sendo muito respeitada por todos, a ação política dentro da Terra Indígena ultrapassa a esfera do “público” (muitas vezes associada ao masculino), abarcando de modo interligado questões relacionadas ao gênero, à religião, ao parentesco e também à política externa à comunidade – política dos *Fóg*<sup>9</sup>.

### **Três gerações de lideranças femininas no Toldo Chimbangue**

*Ana da Luz Fortes do Nascimento - Fen'Nó*

A Luta pela Terra no Toldo Chimbangue ao início da década de 1980 não só inaugurou um novo modelo de demarcação de terras indígenas no Brasil, conforme Brighenti (2012)<sup>10</sup>, pois se trata da primeira comunidade indígena no Brasil que conseguiu recuperar as terras que estavam completamente perdidas, já sob posse de agricultores munidos de títulos de propriedade, mas também possibilitou interessantes reflexões sobre as relações de gênero, tendo em vista a efetiva atuação de algumas mulheres Kaingang na dimensão sócio-política de constituição, organização/instrução e suporte do grupo, antes, durante e depois da demarcação territorial. É importante sublinhar que essa efetiva atuação sócio-política à qual nos referimos não significa atuações exclusivamente relacionadas a algum cargo de liderança politicamente legitimado, a exemplo dos Caciques e Vice Caciques. No entanto, como já mencionamos anteriormente, entendemos a política indígena de modo mais abrangente, que envolve diversos aspectos para além dos cargos políticos instituídos.

---

afirma que “estamos, portanto, vivendo um processo de transição entre gerações de indígenas. Uma geração que fez história e continuará na história e outra geração que precisa continuar essa história para também ficar nela”.

<sup>8</sup> Optou-se por utilizar seu nome Kaingang Fen'Nó, para nos referirmos à Ana da Luz Fortes do Nascimento no decorrer do texto, pois é assim que a comunidade do Toldo Chimbangue a reconhece. Já no Caso das demais protagonistas envolvidas, o nome português será utilizado pelo mesmo motivo, é como são reconhecidas.

<sup>9</sup> Palavra Kaingang que designa os não indígenas, os “brancos”.

<sup>10</sup> A tese de Brighenti (2012) é uma importante referência para compreendermos o processo de disputa fundiária no Toldo Chimbangue, o argumento que trata da singularidade deste episódio também é utilizado por Savoldi (2017) em seu trabalho biográfico sobre Fen'Nó. A ideia de Brighenti é utilizada também neste estudo, pois revela um aspecto importante da luta Kaingang no Toldo Chimbangue e sua dimensão nacional. Fato que confere também maior visibilidade a atuação política de Fen'Nó.

Conforme Savoldi (2017)<sup>11</sup>, o Toldo Chimbangue teve como uma das principais lideranças, e responsável pela conquista do território, uma mulher Kaingang, Fen'Nó, que nunca ocupou cargo de Cacique, mas que era a principal figura em torno da qual se articulava o movimento de reivindicação territorial. Ou seja, o Toldo Chimbangue é um exemplo claro da força de uma liderança feminina

que possibilitou a reivindicação fundiária, identificação das terras Kaingang, constituição e fixação geopolítica do grupo, pois foi em torno das memórias e da trajetória dessa mulher que se respaldaram os agentes envolvidos em prol da demarcação da terra indígena (BAZZI, 2019, p. 99).

Fen'Nó, nome Kaingang que significa “Arma, Flecha em pé” (SAVOLDI, 2017, p. 1), registrada em português como Ana da Luz Fortes do Nascimento, nasceu em 08 de setembro de 1898 e faleceu dia 06 de março de 2014<sup>12</sup> aos 116 anos de idade. Nasceu e morreu nas terras do Chimbangue e, mesmo com o avanço da frente colonizadora, nunca saiu de seu lugar de origem: Fen'Nó é um grande símbolo da resistência Kaingang na região do rio Irani.

Fotografia 1: Fen'Nó.



Fonte: Imagem do documentário “Fendô – tributo à uma guerreira”, de Penna Filho, 2000. Acervo da Família de Laudelina da Veiga.

Desde jovem, já demonstrava ser senhora de sua história e nunca se sujeitou a ordens que não lhe agradavam. Suas netas Janete da Veiga e Marizete da Veiga se recordam que Fen'Nó contava que, quando bem nova, por volta dos 12 anos de idade, fugiu da família para não ser obrigada a casar com quem os pais haviam escolhido. A narrativa das netas e suas memórias sobre o fato não nos revelam se o matrimônio pretendido pela família de Fen'Nó obedecia as regras matrimoniais Kaingang, em que se considera o sistema de metades

<sup>11</sup> O trabalho de Savoldi (2017) é pioneiro e traz a luz diversos aspectos da trajetória de vida de Fen'Nó, bem como a dimensão da sua luta para a comunidade Kaingang do Toldo Chimbangue. Além de apresentar diversas fontes que contribuíram para a análise neste estudo.

<sup>12</sup> Tanto a informação de sua data de nascimento quanto a de morte são referentes ao descrito na certidão de óbito de Fen'Nó, lavrada no Município de Chapecó – SC, no dia 10/03/2014, assinada por Renato Gnoatto então Chefe da Coordenação Técnica Local da FUNAI Chapecó.

exogâmicas, em que indivíduos pertencentes à metade *Kamé* devem se casar com alguém que seja *Kairu*, seguindo a cosmovisão e a lógica Kaingang de complementariedade, ou se tratava-se de um matrimônio arranjado sob outra ótica. Contudo, reconhecemos que foi um ato de coragem. Escolheu se casar com João Maria da Veiga, com quem teve 7 filhos.

Conforme informações de sua família, cultivava a fé católica, o catolicismo popular, o rústico; era devota de São João Maria; ao redor do fogo, contava sobre os causos e os milagres do santo, em suas passagens pelas bandas do rio Irani. De acordo com Savoldi (2017, p. 8), Fen'Nó guardava uma espiritualidade própria aos Kaingang, ou seja, tinha uma ligação muito forte com a natureza, que “interpretava as mensagens da natureza e de seus guias”. Diante da complexidade de sua religiosidade, percebemos os encontros, as trocas e as conexões que ocorrem entre distintos grupos étnicos a partir do contato durante o processo de colonização de Chapecó ao início do século XX, e voltamos ao argumento de Van der Veer (2001) quanto à “História compartilhada”, isto é, Fen'Nó, mesmo guardando elementos espirituais específicos dos Kaingang, agregava às suas crenças traços da religiosidade ocidental/colonial, sempre os adaptando para dar sentido à sua visão de mundo.

Mulher centenária e dona de grande sabedoria, Fen'Nó nasceu no século XIX e presenciou as transformações ocorridas ao longo do século XX e no início do século XXI. Era, tanto na memória de Paulina Antunes Candói<sup>13</sup> quanto na memória de Janete da Veiga<sup>14</sup>, uma grande liderança para os Kaingang: “ela cobrava bastante a questão de organização, de reunir o pessoal para conversar, ela estava sempre junto, e quando faziam as reuniões ela sempre estava ali dizendo como era para fazer as coisas” (VEIGA, 2018, informação verbal). Essa liderança lhe foi confiada pelos Kaingang, muito provavelmente, por ela ser, no momento da luta pela terra, uma das mais velhas (*Kofá*<sup>15</sup>), o que, no universo indígena, também representa sabedoria. Conforme as narrativas de Paulina e de Janete, fica evidente que, no passado, conversar com os “velhos” era a melhor forma de aprender. Eles consideram os anciões a principal fonte de conhecimento, como relembra Paulina:

Os velhos sabiam mais a história, eu sei um pouco das histórias porque quando eu era pequena, a tia Da Luz ia perto do fogo, e entre os velhos, eles ficavam conversando, contando as histórias deles, e a gente ficava escutando. E aquilo lá eu guardei! [...] Mas foi por ela que eu aprendi, aprendi a andar, aprendi conhecer, se não, não sabia nada também. Nem sabia onde é que eu ia ir! (CANDÓI, 2018, informação verbal).

---

<sup>13</sup> Sobrinha de Fen'Nó.

<sup>14</sup> Janete da Veiga é neta de Fen'Nó, conviveu com a avó desde seu nascimento até a morte de Fen'Nó em 2014, atualmente Janete é professora de História na Escola Indígena que leva o nome de sua avó. Nos concedeu entrevista no dia 03/08/2018 e 07/06/2019.

<sup>15</sup> Termo Kaingang para se referir aos anciãos, os sábios.

A fala de Paulina denota a importância das “histórias dos velhos”. De acordo com Brighenti (2012), ouvir essas histórias também se constituiu como uma estratégia do grupo de trabalho da pastoral, que estava diretamente envolvido no movimento Kaingang de retomada das terras. O referido grupo, através da oralidade Kaingang, “desejava buscar informações empíricas, reconstruir historicamente, pela memória do grupo”, essa reconstituição através das histórias seriam, então, meios “capazes de sustentar a existência da comunidade indígena e demonstrar como teria ocorrido o processo da perda da terra. As informações empíricas eram encontradas, geralmente, entre os moradores mais velhos do grupo” (BRIGHENTI, 2012, p. 476). Nesse sentido, Fen’Nó era fundamental.

Segundo Janete da Veiga, sua avó transmitia diversos conhecimentos à família, estendendo-os, em inúmeros momentos, aos demais que faziam parte da comunidade. Além disso, a neta recorda-se que Fen’Nó desenvolvia várias atividades, como trabalhar na roça, fazer artesanato (que seu avô depois vendia entre os colonos), ser a parteira da comunidade – era parteira fina<sup>16</sup> –, e também manipular e receitar ervas medicinais. Essas práticas e saberes Kaingang são aspectos que demarcaram a atuação de Fen’Nó para além da luta política pelo território. São ciências ancestrais que a colocavam como uma grande sábia da comunidade, e lhe conferiam respaldo ao longo de sua trajetória de vida e de luta.

De acordo com Savoldi e Bazzi (2019, p. 173), “Fen’Nó conduziu homens e mulheres, tanto em momentos de resistência, quando era preciso ‘fincar o pé’ nas terras do Chimbangue, quanto naqueles em que tiveram de ir à Brasília, Porto Alegre ou Florianópolis, dialogar com governantes”. A imagem a seguir ilustra um desses momentos:

Fotografia 2: Reunião dos Kaingang no Toldo Chimbangue.



Fonte: Foto de autoria desconhecida, acervo da família de Laudelina da Veiga.

---

<sup>16</sup> Adjetivo dado à Fen’Nó por Angelina Fernandes (91 anos, atualmente a pessoa com mais idade que mora no Toldo Chimbangue, é mãe do Cacique Idalino Fernandes), em entrevista concedida dia 07/06/2019, referindo-se à qualidade com que Fen’Nó desempenhava a função de parteira.

Segundo as informações fornecidas pelos Kaingang entrevistados nesta pesquisa, Fen'Nó era a principal liderança no primeiro processo de luta pela terra: “todas as viagens que fizeram, lá para o Rio Grande do Sul, para Florianópolis, para Brasília, sempre ela ia junto, ela era a principal figura, o pessoal vinha conversar e ela ajudava a organizar, ela escolhia quem eram as pessoas que iam junto” (VEIGA, 2018, informação verbal). O respeito à liderança de Fen'Nó é mencionado também em um relatório de viagem ao Toldo Chimbangué nos dias 10 e 11 de agosto de 1985, quando foi feito um levantamento da situação; segundo esse relatório, “os índios através de suas lideranças (Angelin Gandão, Gentil, Dona Ana – *a liderança mais respeitada*) não aceitam qualquer outra solução que não seja a demarcação da área, estando dispostos a morrer por isso”<sup>17</sup>. Ou seja, a liderança de Fen'Nó não era reconhecida somente pelo grupo Kaingang, mas pelos demais agentes envolvidos.

As memórias de Fen'Nó quanto a este processo foram expressas no documentário de Penna Filho (2000), feito em homenagem à sua história de vida e de luta, intitulado *Fendô – tributo a uma guerreira*. No documentário, Fen'Nó conta sobre o tempo em Brasília: “fiquei uma semana dentro do prédio da FUNAI, eu dizia: eu não saio daqui. E dormia em cima do sofá, com os meus filhos, eu não saí, eles queriam mudar nós de lugar, eu disse: não, eu vim para dormir aqui” (FEN'NÓ; PENNA FILHO, 2000, informação verbal). De acordo com o documentário, as idas à Brasília se tratavam de momentos em que os Kaingang cobravam, das autoridades, agilidade para a resolução do conflito, pois a situação ficava cada vez mais precária. Sobre isso, Fen'Nó ainda mencionou que:

Nós estevávamos sofrendo de fome, o que que a piazada ia comer? Desde que eram pequeno, tinham um aninho, iam comer o que? Daí quando nós estávamos em Brasília o Angelin telefonou daqui, eles pegaram um boizinho da colônia para carnear para a piazadinha comer (FEN'NÓ; PENNA FILHO, 2000, informação verbal).

O relato de Fen'Nó demonstra que a situação dos Kaingang não era fácil. Além disso, também demonstrava grande insatisfação com as transformações ocorridas, contando como era e como ficou o lugar depois da chegada dos “brancos”. Esses aspectos que tratam da relação que Fen'Nó estabelecia com a natureza, são discutidos no trabalho de Savoldi (2017), que também utiliza o áudio visual como fonte. A partir dessas referências, percebemos que a angústia que tinha quanto às transformações ambientais diz respeito à abundância que desfrutavam antes da colonização, o que nos leva de encontro às dicotomias e às oposições

---

<sup>17</sup> Relatório de viagem ao Toldo Chimbangué entre os dias 10 e 11/08/1985, elaborado pelo advogado da FUNAI, Alvaro Reinaldo de Souza, e recebido pela FUNAI dia 10/09/1985, que coloca em destaque a liderança de Fen'Nó como sendo “a liderança mais respeitada”.

existentes entre os indígenas e os agricultores/brancos/europeus/imigrantes. Essas oposições se revelam, principalmente, no que diz respeito ao trato com a terra, com a natureza.

Essas contradições entre os Kaingang e os imigrantes agricultores também são aspectos que nos permitem argumentar a favor da existência de grupos étnicos distintos, em disputa pelo mesmo território. Segundo Barth (1995, p. 16), “o contraste entre o ‘nós’ e os ‘outros’ está inscrito na organização da etnicidade: uma alteridade dos demais que está explicitamente relacionada à asserção de diferenças culturais”. Nesse sentido, é importante ter presente que a cultura não é algo estático. Ainda conforme Barth (1995, p. 17):

A cultura está em um estado de fluxo constante. Não há a possibilidade de estagnação nos materiais culturais, porque eles estão sendo constantemente gerados, à medida que são induzidos a partir das experiências das pessoas. Logo, argumento aqui que não devemos pensar os materiais culturais como tradições fixas no tempo que são transmitidas do passado, mas sim como algo que está basicamente em um estado de fluxo.

Para o autor, mais importante que inventariar traços culturais é perceber quais são os traços considerados significativos pelo grupo para expressar as fronteiras que demarcarão as diferenças entre estes, considerando seu caráter relacional e situacional. No Toldo Chimbanguê, a etnicidade está intimamente relacionada com a conexão que os Kaingang estabelecem com seu território.

De acordo com Paulina Antunes Candó (2018, informação verbal), durante a luta pela terra todas as decisões passavam por Fen’Nó: “todos respeitavam muito ela [...] ela que dizia o que tinha que fazer!”. Outras informações evidenciam a força da liderança de Fen’Nó, uma história que ultrapassou os limites do Toldo Chimbanguê e tem inspirado diversas atuações, tanto de mulheres e homens indígenas, quanto de pessoas da sociedade não indígena. Conforme dados do trabalho de Savoldi (2017, p. 9):

Em 1999, no dia Internacional da Mulher, Fen’Nó foi homenageada na Câmara Municipal de Chapecó. O reconhecimento foi justificado pela contribuição desta na construção do município. Em 2004, foram os moradores da T.I. Toldo Chimbanguê que realizam a homenagem, solicitaram a mudança do nome da Escola Indígena de Ensino Fundamental Irani para Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen’Nó. O nome da escola foi uma forma de perpetuar o seu legado para as próximas gerações.

Uma homenagem no dia internacional da mulher a uma mulher Kaingang, protagonista de um dos mais emblemáticos confrontos fundiários do município de Chapecó, é de fato um momento extremamente relevante, que demarca a força de Fen’Nó.

Fotografia 3: Homenagem à Fen’Nó na Câmara Municipal de Vereadores, em Chapecó – SC, dia 11/03/1999



Fonte: CIMI Regional Sul.

Outro fator que denota o reconhecimento à luta de Fen’Nó pela Terra Indígena Toldo Chimbangue é a existência no município de Chapecó – SC, de um Coletivo Feminista, que, em homenagem a ela, denomina-se “*Coletivo Feminista Fen’Nó*”. De acordo com Liége Santin e Aline Ogliari (2018, informação verbal), integrantes do Coletivo:

Dona Ana Fen’Nó é um ícone da luta indígena, não só do oeste catarinense, mas do Brasil. [...] Dona Ana representa várias facetas da exclusão social: mulher, indígena, pobre, espoliada de suas terras e vivendo à margem do Estado, e é aqui de Chapecó, da costa do rio Irani! Nada mais especial pra nós nomearmos o coletivo com o nome dela para que consigamos realizar uma caminhada de divulgação da luta dela, que também é nossa.

Fen’Nó segue reconhecida pelos Kaingang do Toldo Chimbangue como uma grande liderança, responsável pela conquista do território. Para este estudo, essa conquista se diferencia também por ter como principal liderança uma mulher Kaingang. Fen’Nó foi também pioneira na luta pela terra e deixou essa coragem como legado para outras mulheres, em especial para as Kaingang do Toldo Chimbangue.

*Paulina Antunes Candóí*

*As mulheres iam primeiro, depois, se precisassem, chamavam os homens!*  
Paulina Antunes Candóí, 2018.

Paulina Antunes Candóí (60 anos), Kaingang, é uma das nossas principais interlocutoras. Paulina pode ser considerada “herdeira direta de Fen’Nó” (SAVOLDI; BAZZI, 2019, p. 176), e representa outra geração de mulheres Kaingang que sempre estiveram na luta por seus direitos, participando ativamente das decisões políticas de sua comunidade. Paulina é, ainda, muito respeitada na comunidade.

Em entrevista, Paulina relata que nasceu na Terra Indígena Votouro – RS, e foi morar no Toldo Chimbangue quando tinha cerca de três anos de idade, levada por seu pai para ser criada por Fen’Nó (sua tia). Cresceu com Fen’Nó, nas margens do Rio Irani e vivenciou a

invasão do território Kaingang pela Frente Colonizadora. Moravam em ranchos e trabalhavam para os colonos. Segundo ela, eram tempos difíceis: empreitavam uma luta cotidiana pela sobrevivência. Casou-se aos 16 anos, período em que precisou ir para outra localidade em busca de melhores condições de vida. Teve sete filhos. Voltou ao Toldo Chimbanguê, a pedido de Fen'Nó, para contribuir na luta pela terra e integrou o grupo que foi à Brasília diversas vezes reivindicar a demarcação do território Kaingang. Analisando seus relatos, percebemos que já demonstrava, na época, instinto de liderança e o dom da palavra.

Paulina menciona que foi à Brasília, junto com Fen'Nó, pelo menos três vezes, reivindicar a demarcação. Nesses momentos, contavam com uma rede de apoio, articulada principalmente pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e pela Funai, que organizavam a hospedagem e contribuía nas reuniões com os parlamentares. Paulina recorda-se de que eram os integrantes do CIMI que redigiam as atas das reuniões. Recorda-se ainda de que, nas primeiras idas ao Distrito Federal, ela e Fen'Nó eram as únicas mulheres presentes. Com o tempo, outras mulheres foram integrando esse grupo.

Outro dado interessante sobre sua atuação na comunidade é que ela foi também a primeira professora indígena a lecionar na comunidade do Toldo Chimbanguê, logo após a demarcação das terras na década de 1980. Contou-nos que dava aulas para as crianças ainda na primeira escola improvisada, local onde atualmente é o CEIM Toldo Chimbanguê.

O processo de Luta pela Terra se deu em dois momentos distintos. No segundo momento, que se seguiu após a conquista de cerca da metade do território reivindicado, os Kaingang seguiram na luta para rever o restante que ainda faltava e já estava identificado como sendo de ocupação imemorial dos Kaingang no Toldo Chimbanguê, conforme descrito no Laudo Antropológico. Nesse momento, Paulina também foi muito atuante e seguiu participando não só das viagens e dos diálogos com legisladores, mas também dos diversos protestos organizados em Chapecó, fechando estradas e fazendo passeatas para chamar a atenção das autoridades para a reivindicação.

Fotografia 4: Paulina Antunes Candói.



Fonte: autor, 2018.

Até o momento, Paulina foi a única mulher a ocupar um cargo de liderança política no Toldo Chimbangue: foi Vice Cacique na primeira década dos anos 2000. Menciona que as demais mulheres da comunidade ficaram contentes por uma mulher ser liderança. Sua trajetória é mencionada também em cordel de Aatoria de João Batista Antunes (2019, p. 48), filho de Paulina e professor de Língua Portuguesa da Escola Indígena Fen'Nó, conforme trecho que segue:

Sou uma mulher de fibra,  
Que gosta de participar,  
Fui até vice-cacique,  
Mostrando que a mulher Kaingang,  
Pode muito bem liderar.

Sobre as atividades que desempenhava como Vice Cacique, Paulina conta que ia em reuniões do movimento indígena representando a comunidade, sempre na luta pelos direitos dos povos indígenas. Além disso, atuava como mediadora dos conflitos que ocorriam entre o grupo. De acordo com Paulina, “quando as pessoas erravam, a gente mandava chamar, eu não tenho queixas. Eles me respeitaram muito!” (CANDÓI, 2018, informação verbal).

Paulina conta ainda que, quando era Vice Cacique, havia no Toldo Chimbangue uma organização de mulheres, que utilizavam o pavilhão da Igreja Católica para os encontros. Esses eram momentos em que fortaleciam seus laços e se organizavam para o movimento, além de desenvolverem juntas algumas atividades.

No presente, Paulina atua como agente de saúde no Toldo Chimbangue, ligada a SESAI. É considerada pela comunidade Kaingang uma *Kofá*, preservando a cultura da medicina tradicional, cultivando ervas e produzindo os remédios do mato. Conhece também as técnicas

de confecção do artesanato Kaingang, que é exposto e vendido principalmente durante a realização das Semanas Culturais, que ocorrem durante o mês de abril na Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'Nó.

Durante este evento, Paulina costuma ser bastante requisitada por estudantes e professores em suas pesquisas sobre a cultura e História dos Kaingang do Toldo Chimbangue. Nas duas últimas edições da Semana Cultural, percebemos que Paulina é retratada como uma importante *Kofá*, detentora da sabedoria ancestral, e uma das várias personagens fundamentais da História de luta e resistência do Toldo Chimbangue.

Acompanhamos ainda, durante o tempo de realização da pesquisa, a atuação de Paulina em eventos ligados ao movimento indígena, como na reunião do movimento indígena do Sul do Brasil para discutir a questão da municipalização da saúde indígena<sup>18</sup>, nas manifestações políticas<sup>19</sup>, e nos momentos de revitalização cultural na Terra Indígena, a exemplo das Semanas Culturais e de um evento sobre culinária tradicional, ambos realizados através da Escola Indígena.

Diante do exposto, percebemos que a performance de Paulina Antunes Candói foi e ainda é muito efetiva no Toldo Chimbangue. Sua trajetória, assim como a de sua ancestral Fen'Nó, traz respaldo a luta Kaingang, servindo também de exemplo e inspiração para a nova geração.

#### *Vanisse Domingos*

Na atualidade, conforme Savoldi e Bazzi (2019, p. 177), Vanisse Domingos (37 anos) é considerada uma importante liderança no Toldo Chimbangue. Ainda que não seja Cacique nem Vice, é reconhecida pelo grupo como liderança.

Vanisse, nome Kaingang *Fãgkri* (pinha em português), é sobrinha do Cacique Idalino Fernandes, nasceu na Terra Indígena Votouro no Rio Grande do Sul, veio morar no Toldo Chimbangue aos 11 anos de idade e atualmente é professora da Escola Indígena Fen'Nó, graduada em Pedagogia e Licenciatura Intercultural Indígena. Sua militância se dá principalmente em prol da Educação Indígena.

---

<sup>18</sup> Encontro que ocorreu no Toldo Chimbangue, dia 21 de fevereiro de 2019, momento em que discutiram e se posicionaram contra a intenção do Governo Federal em transferir a saúde indígena da SESAI para os municípios, o que, de acordo com as lideranças indígenas presentes no evento, resultaria na precarização da saúde para os povos indígenas.

<sup>19</sup> Participou do ato político intitulado “ELE NÃO”, em oposição ao, na época candidato, atualmente Presidente da República, Jair Bolsonaro e seu projeto de governo.

Quando foi morar no Toldo Chimbangue, os Kaingang já haviam conquistado a primeira parte do território reivindicado. Durante o segundo processo de Luta pela Terra, Vanisse foi bastante atuante. Ela nos contou que participava efetivamente do movimento:

Nós ficávamos na linha de frente quando fechávamos as estradas, nós mulheres sempre ficávamos na frente, na frente de batalha, e os homens atrás. Porque a gente sabe que se os homens fossem, iria ter problema com a polícia, porque eles são mais esquentados, e nós mulheres não, nós somos mais calmas, então, era por isso que as mulheres iam primeiro (DOMINGOS, 2019, informação verbal).

Percebemos que, em momentos críticos, de maior tensão no movimento, as mulheres permanecem atuantes, fato também presente na narrativa de Paulina sobre a organização dos protestos durante a Luta pela Terra. Segundo ela, “as mulheres iam primeiro, depois se precisasse, chamavam os homens” (CANDÓI, 2018, informação verbal). Nesse sentido, entendemos que as mulheres assumem um papel protetivo em relação aos homens. Fato interessante, que evidencia que, no universo Kaingang, a mulher não é retratada como mais frágil que o homem, o que difere das narrativas hegemônicas da sociedade não indígena.

Atualmente, Vanisse segue participando do movimento indígena regional e tem representado a comunidade do Toldo Chimbangue em diversos eventos. Contou-nos que participou do Acampamento Terra Livre em abril de 2019 em Brasília – DF, conforme fotografia 5, e, durante este evento, também participou do 1º Encontro Nacional de Mulheres Indígenas, no qual as principais deliberações, de acordo com Vanisse, foram organizar as mulheres indígenas para a agenda de luta do movimento indígena e para a ampla participação das mulheres indígenas na ocasião da Marcha das Margaridas<sup>20</sup>. As mulheres indígenas pretendem, dentro desta agenda de lutas, fazer sua própria marcha, com o tema “Território, nosso corpo, nosso espírito”; o objetivo é fazer parte do movimento mais amplo das mulheres do campo e da floresta, com suas demandas específicas enquanto mulheres indígenas e com as bandeiras do movimento indígena. Conforme ilustra a imagem a seguir:

Fotografia 5: Participação de Vanisse no Acampamento Terra Livre 2019 em Brasília – DF.

---

<sup>20</sup> A Marcha das Margaridas se trata de uma ação política que integra a agenda dos sindicatos de trabalhadores rurais e movimentos feministas. Organizada e integrada em maior parte por mulheres do campo e da floresta, a estratégia visa sobretudo a mobilização e a formação das mulheres para a atuação política. Informações obtidas em: [fetase.org.br/marcha-das-margaridas/](http://fetase.org.br/marcha-das-margaridas/).



Fonte: Foto de Vanisse Domingos em abril de 2019, na foto aparecem Vanisse à frente e sua Irmã atrás.

Sobre ser mulher indígena, Vanisse afirma que é um grande desafio:

É bastante responsabilidade, porque eu sempre coloco que além de indígena a gente é mulher, então a gente é desprezado pelos dois lados, pelo fato de ser indígena e pelo fato de ser mulher, as dificuldades são em dobro. Aí dobra a tua responsabilidade, e dobra a tua vontade de lutar, você luta como mulher e você luta como indígena, [...]eu sei que eu sou uma força para as mulheres, eu vejo que elas me veem como uma força para elas, [...] eu tenho um cargo público, e tenho uma responsabilidade com a minha profissão, mas a responsabilidade maior é com a comunidade, para mim, aqui é tudo pela comunidade, não sou eu, não é por mim, a luta é pelo povo (DOMINGOS, 2019, informação verbal).

Assume ser feminista, contudo, conforme sua narrativa, percebemos que o feminismo em que Vanisse acredita não se trata do feminismo de escolas ocidentais, mas aquele que considera a pluralidade das mulheres. Esse feminismo estaria mais próximo, ao nosso ver, do Feminismo Comunitário<sup>21</sup>, que tem conquistado adesão principalmente entre mulheres indígenas da América Latina.

Vanisse acredita ser necessário buscar mais espaço para as mulheres na política indígena. No entanto, analisando sua trajetória e suas narrativas, percebemos que, no Toldo Chimbangue, não existe oposição entre as demandas femininas e a luta geral Kaingang. Nas palavras dela, “a luta é pelo povo”. Nesse sentido, afirma que “aqui a gente pega junto, não existe dizer assim: isso aqui é para o homem ou para a mulher, é os dois juntos” (DOMINGOS, 2019, informação verbal), Vanisse menciona ainda que as mulheres do Toldo Chimbangue sempre participaram do movimento indígena: “participamos em tudo! Nunca nos deixam de fora, sempre foi assim” (DOMINGOS, 2019, informação verbal). Atribui essa possibilidade ao

---

<sup>21</sup> Para Moor Torres (2018, p. 245, tradução nossa), trata-se da “demarcação de ideias, em que se destaca a restituição da agência dos sujeitos subalternos e a revalorização de outras formas de pensar, conhecer, sentir e viver”. São nessas questões que reside a aposta do feminismo comunitário. A proposta busca romper com a colonialidade presente em certas correntes feministas tradicionais ou ocidentais, através do rompimento conceitual e de novas práticas políticas.

espaço que as lideranças dão às mulheres, e afirma que o Cacique Idalino Fernandes sempre abriu muitas portas para que as mulheres pudessem se destacar e para que suas ideias fossem respeitadas na comunidade. Esse fato, de acordo com Vanisse, é uma especificidade do Toldo Chimbangue, já que, em outras Terras Indígenas que conhece, os sistemas de influências são diferentes. Relata a experiência de sua irmã em outra localidade: “durante uma reunião teve um Cacique que disse que ali não era lugar para ela estar, que aquela ali era uma reunião de lideranças homens, e que naquele momento eles não queriam que ela opinasse” (DOMINGOS, 2019, informação verbal).

Essa narrativa revela que as mulheres indígenas enfrentam, ainda, muitas barreiras na busca por maior espaço participativo dentro de suas comunidades, no movimento indígena e na sociedade civil de modo geral, ou seja, que a abertura participativa que se verifica no Toldo Chimbangue não representa necessariamente um padrão entre as comunidades Kaingang.

Como já mencionamos, a principal frente de atuação de Vanisse é a luta pela Educação Indígena diferenciada. Tem importante atuação nas Semanas Culturais da Escola Fen’Nó, um evento significativo na perspectiva de revitalização e de posituação das culturas Kaingang e Guarani. Nas duas últimas edições que acompanhamos (2018 e 2019), Vanisse esteve diretamente envolvida na organização do evento. É ela quem faz as falas de abertura e as explicações referentes às apresentações de dança, ao batismo Kaingang, ou ainda a aspectos culturais dessa comemoração ao dia do índio. Conforme fotografia a seguir:

Fotografia 6: Vanisse Domingos durante apresentação de dança Kaingang na XIX Semana Cultural Kaingang e Guarani



Foto: autor, 2019.

Em diversos momentos<sup>22</sup>, verificamos, nas falas de Vanisse, o valor conferido à educação, em especial em sua formação acadêmica. Sobre a importância da educação, Vanisse afirma que:

Ela te empodera! Eu sempre falo que estudei em uma escola que nunca me ensinou a minha cultura, era uma escola indígena, a única coisa que ensinava era a língua Kaingang, eu nunca estudei cultura dentro da minha escola, você cresce vivendo e aprendendo uma outra cultura, então por isso essa negação, você aprende que a outra cultura é boa, é bonita e até então você não conhece nada da tua, e então você se nega. E eu vejo hoje na educação toda essa questão da nossa cultura, a questão de empoderamento, de luta, de povo, de valorizar, de conhecer, de estar aqui, de ser o que a gente é, de valorizar as nossas lideranças, os nossos mais velhos - a luta deles. Tudo isso tem que estar presente na escola, e usar o conhecimento como forma de defender o povo, buscar os direitos do povo, lutar pelo povo. Valorizar aquilo que você é, valorizar a História da onde você vem, tudo isso (DOMINGOS, 2019, informação verbal).

A oportunidade de uma educação básica própria para os grupos indígenas incentiva a possibilidade do ingresso aos bancos universitários. Conforme relata Vanisse sobre sua experiência durante a formação acadêmica:

O conhecimento ele muda o teu jeito de olhar para as coisas, de tu perceber, tira um pouco essa ignorância que as pessoas têm. Quando eu entrei na universidade eu era uma pessoa, eu ficava muito com aquilo que as pessoas pensavam de mim, as pessoas pensavam aquilo de mim e eu deixava. O fato de eu ser índia para mim não era grande coisa, entende. Eu tinha até uma certa vergonha, sabe, por causa de todo esse preconceito, você esconde um pouco o que tu é. Aquilo foi mudando e eu comecei a ter noção daquilo que eu era. Hoje eu me auto afirmo Kaingang, coisa que eu não fazia quando eu entrei na universidade. [...] Ser indígena é você fazer parte de um povo, é você fazer parte de uma comunidade. [...] Você fazendo parte de um povo, você não estuda só pra você, [...] você vai ajudar na tua comunidade. Hoje eu consigo me defender, e defender o meu povo! (DOMINGOS, 2019, informação verbal).

Este depoimento demonstra a relação que algumas mulheres Kaingang, ligadas à Escola Indígena e ao CEIM do Toldo Chimbangue, têm estabelecido com a educação, em especial na sua formação acadêmica, tomando a educação indígena como um direito conquistado, e tornando a educação superior um importante instrumento não só para o empoderamento feminino, como também para a “autodeterminação” indígena.

Nesse sentido, reportamo-nos à análise de Simonian (2009, p. 22) e percebemos também, no Toldo Chimbangue, que “na medida que cresce o número de jovens indígenas nos cursos superiores, aumentam suas possibilidades enquanto lideranças políticas”. Esse foi o caso de Vanisse, e de outros Kaingang no Toldo Chimbangue.

---

<sup>22</sup> Momentos referentes à observação participante nas XVIII e XIX Semana Cultural da Escola Fen'Nó, no I Seminário Internacional Diálogos Interculturais na América Latina: Saberes Indígenas (SIDIAL) e III Congresso Sul-brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas (CONSUDI), onde acompanhamos as intervenções de Vanisse, e também na análise da série documental Histórias Inspiradoras, produzida pela Unochapecó, que dedica um episódio à trajetória de Vanisse, bem como na sua fala no 5º Encontro Estadual Étnico-Racial do SINTE – SC disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=RjFbzmYjwaE&feature=youtu.be](http://www.youtube.com/watch?v=RjFbzmYjwaE&feature=youtu.be)>.

## Considerações finais

Percebemos que, a partir do contexto de expropriação territorial vivenciado no Toldo Chimbangue, surgiu a necessidade de luta política para retomada da terra, cenário em que se verifica também a participação política de mulheres Kaingang. Uma grande evidência e maior publicização da liderança política feminina se apresenta durante o primeiro processo de luta pela terra na década de 1980, por meio da atuação de Fen'Nó e da participação de outras mulheres Kaingang no movimento.

Após a demarcação da Terra Indígena Toldo Chimbangue, outras mulheres se destacam na luta política e social dos Kaingang. Verificamos, portanto, três gerações de mulheres que ocuparam/ocupam espaços de liderança dentro da comunidade Kaingang, em momentos políticos e históricos distintos, e cada uma com suas especificidades.

Fen'Nó foi uma respeitada *Kofá*, guardava os saberes tradicionais e a memória Kaingang; foi também a principal liderança da luta pela terra ao início dos anos 1980. Deixou, como legado para os Kaingang, a coragem e a perseverança.

Paulina Antunes Candói aprendeu com Fen'Nó o conhecimento tradicional sobre a espiritualidade e medicina Kaingang. Desde muito jovem, envolveu-se na luta política e social pela terra. Contudo, a atuação de Paulina transcendeu a luta pela terra: engajou-se em outros enfrentamentos em prol da conquista de políticas públicas para os Kaingang e demais povos indígenas. Foi, até o momento, a única mulher a ocupar um cargo de liderança politicamente legitimado: o de vice cacique do Toldo Chimbangue. Segue participando ativamente dos movimentos e lutas Kaingang, em especial no que se refere à saúde indígena.

Já Vanisse Domingos, professora, teve participação na luta pela terra, mas sua luta se efetiva de fato ao que concerne o direito à educação indígena diferenciada, uma educação que incorpore e valorize aspectos culturais e a visão de mundo própria dos Kaingang.

É interessante mencionar que, mesmo em processos políticos e momentos distintos, as três protagonistas se conectam por compartilharem os mesmos princípios e respeito à ancestralidade, à memória e história do povo Kaingang. Ambas se conheceram, e tanto Paulina quanto Vanisse atribuem muito de seu aprendizado à Fen'Nó, que segue sendo honrada pelos Kaingang do Toldo Chimbangue.

## Referências

BANIWA, Gersen. Prefácio. In: OLIVEIRA, Assis da Costa; RANGEL, Lucia Helena. *Juventudes Indígenas: estudos interdisciplinares, saberes interculturais: conexões entre Brasil e México*. Rio de Janeiro: E-papers, 2017.

BARTH, Fredrik. Etnicidade e conceito de cultura. *Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*, Niterói, n. 19, p. 15-30, 1995.

BAZZI, Andreza. *As Mulheres Kaingang não saíram de uma costela de Adão: protagonismo feminino na Terra Indígena Toldo Chibangue da luta pela terra aos dias atuais (1980-2019)*. Dissertação (Mestrado em História). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2019.

BRIGHENTI, Clóvis Antônio. *O movimento indígena no Oeste Catarinense e sua relação com a Diocese de Chapecó/SC nas décadas de 1970 e 1980*. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

CRENSHAW, Kimberlé. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2002.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Toldo Chibangue História e Luta Kaingang em Santa Catarina*. Xanxerê: Conselho Indigenista Missionário (CIMI-Regional Sul), 1984.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

MOORE TORRES, Catherine. Feminismos del Sur, abriendo horizontes de descolonización. Los feminismos indígenas y los feminismos comunitarios. *Estudios Políticos*, Antioquia, n. 53, p. 237-259, 2018.

MOTTA, Alda Britto da; WELLWER, Wiviam. Apresentação. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 175-184, 2010.

NACKE, Anelise. Os Kaingang: passado e presente. In: NACK, Anelise et al. (Orgs.). *Os Kaingang no oeste catarinense: tradição e atualidade*. Chapecó: Argos, 2007.

PAREDES, Julieta. *Hilando Fino (Desde el feminismo comunitario)*. La Paz: CEDEC, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. *Anuário Mariateguiano*, Lima, v. 9, n. 9, 1997, p. 117-131.

SAVOLDI, Adiles. A Força da Fen'nó: uma dádiva aos Kaingang da Terra Indígena Toldo Chibangue. *Anais...* Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, Florianópolis, 2017, p. 01-12.

SAVOLDI, Adiles; BAZZI, Andreza. Mulheres indígenas não fogem à luta: participação feminina na conquista da Terra Indígena Toldo Chibangue. In: BONI, Valdete; ROCHA,

Humberto da. (Orgs.). *Pesquisas em Movimentos Sociais na Fronteira Sul*. Curitiba: CRV, 2019.

SIMONIAN, Ligia T. L. Mulheres enquanto políticas: desafios, possibilidades e experiência entre as indígenas. *Papers do NAEA*, Belém, n. 254, p. 3-33, 2009.

TOMASINO, Kimiye; ALMEIDA, Ledson Kurtz de. Territórios e territorialidades kaingang: a reinvenção dos espaços e das formas de sobrevivência após a conquista. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, v. 19, n. 2, p. 18-42, 2014.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1989.

SEGATO, Rita. Colonialidad y Patriarcado Moderno: expansión del frente estatal, modernización, y la vida de las mujeres. In: CORREAL, Diana Gómez; MIÑOSO, Yuderkys Espinosa; MUÑOZ, Karina Ochoa. *Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2011.

VAN DER VEER, Peter. *Encontros Imperiais*. Nova Jérsei: Editora da Universidade de Princeton, 2001.

### **Testemunhos Oraís**

CANDÓI, Paulina Antunes. *Entrevista I*. [jul. 2018]. Entrevistador: Andreza Bazzi. Chapecó, 2018. 1 arquivo .mp3 (110 min).

DOMINGOS, Vanisse. *Entrevista I*. [abr. 2019]. Entrevistador: Andreza Bazzi. Chapecó, 2019. 1 arquivo .mp3 (46 min).

DOMINGOS, Vanisse. *Entrevista II*. [mai. 2019]. Entrevistador: Andreza Bazzi. Chapecó, 2019. 1 arquivo .mp3 (35 min).

FEN'NÓ, Ana da Luz Fortes do nascimento. *Entrevista para o documentário Fendô: tributo a uma guerreira*, Penna Filho, 2000 (25 min).

FERNANDES, Angelina. *Entrevista I*. [jul. 2019]. Entrevistador: Andreza Bazzi e Adiles Savoldi. Chapecó, 2019. 1 arquivo .mp3 (53 min).

OGLIARI, Aline; SANTIN. Liege. *Entrevista I*. [jul. 2018] Entrevistador: Andreza Bazzi. Chapecó, 2018. Entrevista concedida via *e-mail*.

VEIGA. Janete da. *Entrevista I*. [mar. 2018] Entrevistador: Andreza Bazzi. Chapecó, 2018. 1 arquivo .mp3 (26 min).

VEIGA. Janete da. *Entrevista II*. [jul. 2019] Entrevistador: Andreza Bazzi e Adiles Savoldi. Chapecó, 2019. 1 arquivo .mp3 (32 min).

VEIGA. Laudelina. *Entrevista I*. [jul. 2019] Entrevistador: Andreza Bazzi e Adiles Savoldi. Chapecó, 2019. 1 arquivo .mp3 (32 min).

### **Fontes Áudio Visuais**

PENNA FILHO, Adalberto. *Fendô: tributo à uma guerreira*. Unisul; Unoesc, Chapecó: 2000. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oac2mpcUdJM>>.

Série Documental Histórias Inspiradoras. *A Índia*. Unochapecó, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BAkaG83TB8o>>.

### **Fontes documentais**

LANGE. Ana Maria C.R; NACKE, Anelise; BLOEMER, Neusa M. Sens. *Relatório Antropológico sobre a área indígena do Toldo Chimbangue*. FUNAI, 1984.

SOUZA, Álvaro Reinaldo de. *Relatório de viagem ao Toldo Chimbangue entre os dias 10 e 11/08/1985*. FUNAI, 1985.